

# *A DIÁSPORA DAS ÁGUAS*

Livro 112

*Escritos Fenícios*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***QUANDO SE AMA***

Quando se ama é como se vestíssemos a pele do outro, emprestamos nossas vivências e imaginamos como é aquilo tudo que eles viveram, assistimos todos seus afetos, fazemos nossa a história dos outros, tomamos emprestado, por isso diz-se que somos porta-vozes.



## ***O TEMPO DEIXOU***

O tempo deixou a paisagem triste do barco partindo, um silêncio ficou com desconhecido sentimento nunca antes vivido.

## ***COMO NUVENS***

Se eu pudesse te seguir como nuvens quando vás de mim, como vento, como eco, em algum lugar pensarás que em ti deixei estrelas, marcas do querer, e que tu seguirás em mim, ainda que não queiras.



## ***NOVAS LOCURAS***

Novas loucuras ocupam velhos lugares, tanto querer, tanta luz, já sei, a vida secular existe desde antes em ti. Como inventor do destino me animo a pensar-te parte do meu sonhar. Já não sei quem sou depois de saber que te inventei, que tu, aldeia existes, resistes, que convidas a ficar, que ficas, mesmo quando dali se vai, que carrego em cada conversa amiga aquele modo aldeão de conversar.

## ***NO SILÊNCIO DAS NOITES***

No silêncio das noites onde os humanos mastigam seus segredos, habitam vazios que apontam à solidão adiada, construtoras de noites mal dormidas. Nelas não cabem palavras e tudo o que fica dentro brota fora de hora e de lugar, dando um aval de realidade adiada ao que no dia tentou se fazer esquecimento, a noite devolve, buscando o coração da dívida, na noite mal dormida onde os versos explodem como reais destroços.



## ***A DIÁSPORA DAS ÁGUAS***

Percam a fé, não a esperança, como a água faz de tudo para sair daqui, não se enredar, ruidosa, mas quase silenciosa, faz valer a pena correr, que se vá, ela vive dizendo adeus, acostumada a despedir-se vai sem conhecer o rumo, sem a mínima ideia dos caminhos, que como maneira de viver será, as águas não escolhem, seguem as corredeiras facilitadoras, assim sempre lhes será o melhor.

## *MINHAS SAUDADES MARINHEIRAS*

Minhas saudades marinheiras que me enlouqueceram o coração, aos poucos o que pareciam pequenas coisas encheram de razões que não se explicam. Ondas marinhas carregam dias contados em alto-mar sentindo por dentro ventos, nortes, poesias, tormentos, penas e alegrias, todos feitos sentimentos, lembrando a terra do Levante. Inventei saudades marinheiras, refiz sextantes, rosas-dos-ventos, velas de sedas, forças de cedros remando em direção ao infinito. Carreguei entre saudades e esperanças, esqueci sonhos, reinaugurei promessas plantando com a mesma convicção os possíveis e os impossíveis. Carreguei a força e a fome de comida, idioma, sentido à vida, gravei não sei de onde as vozes que me ensinaram a cordialidade em idiomas ignorados, nas distâncias, que embora longe ficassem me apontaram a rota por onde fiz a marcha mascate dos pés cansados, planícies, montes, barro e a curioso futuro sem saber onde descansaria meu próximo cansaço.

## ***OLHARES***

Qualquer olhar eminentemente técnico é analfabeto em afetos e desejos.



## ***É NOSCE TE IPSUM***

é nosce te ipsum um dos aforismos mais famosos da história da humanidade, “Conhece-te a ti mesmo”, encontrava-se no pórtico de entrada do Templo de Delfos construído na Grécia no século IV a.C. em homenagem a Apolo, o deus grego do sol, da beleza e da harmonia para estimular a reflexão dos gregos antigos. A Querofonte foi atribuída sua compreensão: Grego gnôthi seauton; em latim é nosce te ipsum e em inglês know thyself.

## ***TEMPLO DE DELFOS***

Advirto-te quem quer que tu sejas, Oh! Tu que desejas consultar os arcanos da Natureza.

Se não encontras, dentro de ti mesmo, aquilo que buscas, tão pouco o poderás encontra-lo fora.

Se tu ignoras as excelências da tua própria casa, como pretendes encontrar outras excelências?

Em ti próprio se encontra oculto o tesouro dos tesouros.

Oh! Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses.



## ***PERDIDOS NO BREU***

Começo a ver guardados com cautela todos os vestígios de humanidade que imperceptíveis aos sentidos, aos métodos de aferição, baseados em evidencias materiais, não sabem quantos afetos há sobre omissões entre camadas de negações, desvios. Quietos em seus destinos se desfazem traços de vida desperdiçados no

breu da cegueira afetiva. Embora vez por outra gemidos se façam ouvir, estrondos intercalados de contrações digam que debaixo da terra, a vida continua viva, vez por outra fica mais fácil de comover com achados isolados, restos de civilidade, fragmentos de objetos, a arte nas covas comove olhares perplexos, viajam no tempo avisando que ali se venciam distâncias encarregadas de suportar o secular esquecimento, deleita-se a vida com seu descobrimento.



## ***SOBRE O POSSÍVEL***

Tenho treinado minha paciência visando com que ela tenha mais tolerância, porque se, até ela se exaltar, não terei como administrar o tear imaginário recomendado por tecelões indianos. Acelerados como teares industriais os modelos atuais moldam as paciências e as impaciências. Esse não é o meu jeito de vendedor de tecido, carregador de fardo, passo de mascate. A realidade tem de acompanhar a história, pondo um

limite na perfeição e outro no planejamento e na construção, reforçar a sabedoria, vestir as palavras e os atos com a arte do possível, arquitetando nobreza à humanidade.



### ***SUSPIRANDO***

Os suspiros fogem da boca das mulheres libanesas com uma frequência tal que me fazem pensar não expressar apenas dores, eles respingam palavras caladas, são gestos sonoros tocando nossos ouvidos como avisos de que aquelas mulheres transpiram com eles memórias longínquas, sonhos guardados que resolveram sair do silêncio. Eram como o som do passado rugindo, como a natureza pulsando imagens carregadas, a propagação de segredos não revelados. Sons de incógnitos sufocados, sussurros que se repetiam como a noite e o dia, um elo entremeando afetos e tempos, plantados na alma. Os suspiros arrancam um gemido cansado dos exílios.

## ***CINZAS DA MEMÓRIA***

Refundar imagens ficcionais, encadeando à orgia dos valores e o desdém das origens, maravilhar olhares juvenis, infantilizados na crônica promessa de salvar o mundo, a natureza, recicladores de esperanças, rebeldes a serviço de desamores, descreditações, desamores, promotores do caos dos vínculos, condutores da denúncia e da fatalidade que o viver esconde. Cotizam a desconfiança, a morte das instituições, o enterro do amor romântico, a exaltação do uso do outro e a morte da conquista que sustenta as competições. Condutas esvaziadas de sentido, a consequência igual a zero, cagam no sistema, na cruz, na memória genética e no conhecimento acumulado como experiência. Consumidores de falsas premissas, divulgam a morte dos valores, dos amores, dos quereres. Triunfam na escravidão, festejam o imperialismo do eu e a individualização. Desintegrados da confiança, do apego e da continuidade, a transparência, a invisibilidade e o caos regem e habitam o sonho da educação imposta como consumo às crianças e aos adolescentes ocidentais. A política de partidos políticos assistencialistas festeja a conquista do fracasso humano de preservar-se como

espécie como uma nova conquista de uma cultura livre eufórica sobre as cinzas da memória e da experiência milenar da humanidade acostumado a preservar-se.



### ***SALUTE***

A saúde não está nos hospitais, nos laboratórios, é que a medicalização da vida fez a saúde se esconder nos sorrisos, nos abraços sinceros, nos amigos que nos recordem com carinho, em quem nos estende a vida com sua generosa memória.

## ***RECUPERO O SABOR***

Recupero o sabor das carícias, evoco testemunha nas fantasias proibidas à sombra dos atalhos entre a tua pele e cada abraço aquecido.



## ***LUGAR E TEMPO***

Não consigo deixar de ser quem sou. Gastei minhas procuras, coragens, sustentos para o amor. Como existir sem danos, sem contrapartidas, esquecer os ciúmes, os sustos, os afetos que induzem ao erro, negando que a importância muda de pessoa, lugar e tempo?

## *ÚLTIMA PROMESSA*

Minha última promessa foi uma mentira, como todas, vazia, sem sentido e sem sentires, pobre de afetos, cheia de exceções, animada de caos.



## *DORAVANTE*

Doravante, os meus interesses viverão a ponto de justificarem-se como suporte e homenagem aos meus antepassados que deixaram de ser esquecimento e passaram a ser memória de longa duração. Dou-lhes direito à existência identificando-lhes, tirando-lhes da morte definitiva gozam de uma sobrevivência rudimentar que lhes confiro.

## ***A VIDA MORRE***

A vida morre e renasce, anda procurando águas e sementes, as vegetações querem frutificar, pedem à mão que as trabalhe, que invente pomares e jardins, que se garanta o depois, que as testemunhas se façam abundantes e alimentadas, que se renove a comunidade numa estreita união entre o ser humano e a terra.



## ***ATÉ A MINHA SAUDADE***

Até a minha saudade transmutada em esquecimento não escapou do movimento de recuperação no mundo natural. Sua existência depende da prática da retribuição que assegura trocas.

## ***ESTADO DE ÁNIMOS***

O estado de ânimos da onde surge os predomínios da vontade de viver estão liberados dos íntimos egoísmos que só se livram nas pequenas trocas, - quase empréstimos disponibilizados em preços - misérias repartidas, cobradas em retóricas menores.



## ***VIVER SEM PRECONCEITOS***

A incultura, a idolatria, os domínios na vida íntima, as deficiências naturais, colaboram para as não realizações. Capacitar-se para a vida íntima exige em si que para gozá-la sempre será necessário conquistá-la, se não se a adquire ela não aceitará a convivência. Ela dirá que é preciso confessar-se a generosidade, que estamos constituídos de segredos amorosos ainda não vividos, que alguma paixão impedida espera uma simpatia contrapartida, que um afeto sereno quer viver sem preconceitos.

## ***FLORAS NATIVAS***

Imigrantes recém-chegados guardaram os segredos, eliminaram as heranças, raspam a numeração, enterraram as testemunhas, silenciaram as histórias. Substituições, arremedos e cópias, rastros mínimos desprezados por decadentes permanecem sementes quase estéreis na terra esperando acidentais floras nativas despidas do ritmo de brutais contrastes.



## ***AMORES DESISTENTES***

Sobre tanta ternura sobressaía um sorriso, os lábios vermelhos, olhos mediterrâneos e um encanto salvando amores desistentes.

## ***A INSÔNIA***

A insônia é uma sentinela que valoriza e prestigia a vigília.



## ***BONS MOTIVOS***

Levando a sério o silêncio e doce repouso do mar, alcanço as mansas marés sumindo nas areias abraçadas, significantes, sem aclamar seus valores na infinita noite escura. Entre o mar e a areia nada é mais importante.



## ***EU VIVO GEOGRAFIAS***

Eu vivo por onde passeiam as saudades. Arrastadas, envelhecidas, seguem seus cursos, desidratadas, travessas, indomáveis, provocativas, férteis, simples, sedentas, sedentárias, pedem atos, companhias interativas.

Roberto Curi Hallal

